

Jornal de Estudos Psicológicos

Ciência, Filosofia e Religião

Homossexualidade e homoafetividade

Do ponto de vista das ciências sociais e mais recentemente como um conceito jurídico legal, a homoafetividade é um substantivo abstrato que designa o sentimento de um sujeito que gosta, sente atração

vida, exclusivamente com outro do mesmo sexo que o dele.

Ao analisar o tema do ponto de vista clínico e psicológico, lembramos que em 1993 a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou

bem-sucedida, colocando o espírito em experiências que propiciam seu desenvolvimento moral, intelectual e social.

A maior experiência que podemos viver é a do amor.

Em *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, no capítulo da Lei do Amor, o evangelista explica que o homem, na sua origem, só tem instintos e sensações, assim como os animais irracionais, e que o amor é o sentimento por excelência, o requinte das emoções.

Porém a pobreza de nossa linguagem estabeleceu um sentido vulgar para o termo, confundindo, muitas vezes, o amor com sensações e desejos.

Lembra ainda o evangelista que quando Jesus

pronunciou a palavra amor, os povos estremeceram e o tempo se dividiu: antes e depois de Cristo. O homem foi resgatado da matéria e as almas de boa vontade se deixaram imolar nos circos romanos para vencer os instintos em favor do amor incondicional.

Não importa quem é o objeto do nosso amor, pouco importa se amamos um ser do mesmo sexo e mantemos com ele uma vida de relação. Divaldo Franco no livro *Sexo e Consciência* esclarece que é importante que o indivíduo que opte por se relacionar com pessoas do mesmo sexo evite posturas de confronto com aqueles que não o compreendem ou não o aceitam. O respeito ao grupo social é fator preponderante. Ninguém deve impor sua orientação sexual como se ela fosse um comportamento que todos devem reproduzir.

Conheço pessoalmente casais homossexuais mais dignos, honestos e amorosos que muitos casais heterossexuais.

Davidson Lemela

Neuropsicólogo

ou ama uma pessoa do mesmo sexo, entendendo sexo como uma série de fatores biológicos, morfológicos e hormonais que o indivíduo carrega desde seu nascimento. Porém a homoafetividade vai além da relação sexual. Quando você ama, independente do gênero, não precisa haver relação sexual, mas se ela existir será apenas uma das expressões do amor. Um pai ama um filho, uma mãe ama sua filha, dois amigos se amam e também dois irmãos do mesmo gênero se amam e não há copulação. A desembargadora Maria Berenice Dias defende que o fator principal da atração homoafetiva, de uma pessoa pela outra do mesmo sexo, é o afeto. Segundo ela é um vínculo emocional criado pela amizade, carinho e amor.

Já a homossexualidade caracteriza o indivíduo que sente atração física por outro do mesmo sexo, novamente entendendo o sexo como a série de fatores descritos acima. É essa característica que determina a orientação sexual do indivíduo e o padrão de experiências sexuais que ele terá durante sua

que a homossexualidade não constitui uma doença física ou mental, como era considerada até então, mas uma expressão natural da maturação sexual do indivíduo, que se opera nas várias fases de seu desenvolvimento psicológico. Não se pode considerar nem como uma enfermidade passível de tratamento químico ou terapêutico visando a cura nem tampouco como imoral ou ofensivo, suscetível a algum tipo de juízo de valor.

Do ponto de vista de nossa realidade espiritual, lembramos que muitas mensagens, romances, estudos sistematizados e palestras espíritas ajudaram a construir o que hoje consideramos a representação filosófica específica do que seja a sexualidade humana.

A Doutrina Espírita ensina que somos espíritos imortais, podendo transitar entre as experiências reencarnatórias com a representação feminina ou masculina. E a homossexualidade seria uma condição desencadeada por fatores anteriores ao nascimento. Esses fatores etiológicos, anteriores ao nascimento, visam sempre uma reencarnação



Preconceito e homofobia

Todo corpo é uma singularidade, com características próprias e sua beleza específica. O código genético, produzindo combinações a partir da história dos nossos ancestrais, deu origem aos nossos traços específicos. Por isso mesmo, qualquer comparação, sentimento de inferioridade



ou superioridade em relação a esta ou aquela característica, não se justificam. Independente de quaisquer crenças religiosas, somos filhos e filhas da mesma "sopa cósmica", que deu origem às diversas formas de vida, incluindo a humana, que nos abriga a todos.

Infelizmente, ao longo da história das civilizações, determinadas características e singularidades pessoais e coletivas foram sendo exaltadas, em detrimento de outras. O predomínio da força, do poder bélico e econômico, em vez da solidariedade e cooperação, produziu distorções profundas na percepção humana. Além disso, nem sempre as crenças religiosas são vividas e entendidas de forma saudável, levando a conclusões precipitadas em torno da natureza humana e das suas diversas manifestações. Assim

foi com a sexualidade, durante muito tempo considerada como pecaminosa, levando a conflitos diversos e preconceitos que não se justificam a partir do olhar da ciência. A homossexualidade, por exemplo, até hoje é condenada em algumas localidades e interpretações religiosas. Felizmente a ciência vai aos poucos desmistificando a questão, concluindo que não se trata de patologia ou desvio de caráter, mas uma manifestação natural da condição humana, parte do processo evolutivo do ser. Analisando a questão, Joanna de Ângelis entende que "O fato de alguém amar outro do mesmo sexo não significa distúrbio ou desequilíbrio da personalidade ... podendo também ser considerada como certa *predisposição fisiológica*."

Seja na heterossexualidade, homossexualidade ou outras manifestações nas quais a sexualidade se manifeste, o desafio do ser é viver essa condição de forma ética e harmônica, consigo e nas suas relações, de forma que a individualidade se manifeste em equilíbrio. A homofobia, portanto, que felizmente vai sendo criminalizada em muitos países, assim como outras formas de preconceito, são patologias de ordem moral, essas sim necessitando de tratamento de variadas ordens, para que algum dia sejam extirpados por completo das coletividades.

Cláudio Sinoti

Terapeuta Junguiano

A ética da alteridade

A vinda de Jesus ao encontro da Humanidade inaugura a era do amor e da bondade nas relações. Começava a caminhada pela maturidade espiritual do ser, pois o Mestre, com sua exemplificação, apresentava a ética da fraternidade, da solidariedade e da caridade.

Percebe-se que o convite é ir ao encontro do outro, a fim de viver a experiência do amor. É neste campo de atuação fértil que a alteridade ganha expressividade.

A alteridade é enxergar o outro: entender as suas dores e angústias; colocar-se em compreensão ao universo de pensamentos e de experiências do outro; admitir as diferenças de cultura, de costumes, de religiões. Tudo isso representa aceitar e respeitar o outro como ele realmente é.

O Cristo, ao ensinar aos seus discípulos a oração dominical, refere-se a Deus como "Pai Nosso", estabelecendo a natureza da relação que envolve todas as criaturas: a fraternidade. Todos são irmãos!

Logo, essa é a ética da alteridade: perceber o outro como irmão!

É a substituição dos princípios de egoísmo e de orgulho, improdutivos e prejudiciais à sociedade, por uma nova atitude pautada em valores indestrutíveis, em um sentimento de família universal, de respeito que são proporcionadores da harmonia, da paz e da justiça, pois permitem ao indivíduo ser útil e laborioso.

Aceitar viver este código de conduta é se permitir construir uma sociedade democrática e mais justa, amadurecendo para o Cristo em nós.

Lusiane Bahia

Advogada



Expediente

Jornalista

Katia Fabiana Fernandes - nº 2264

Edição

Evanise M Zwirtes

Colaboração

Maria Angélica de Mattos - Revisora
Cintia C. Dos Santos - Tradução Inglês
Danusa Rangel - Revisão Inglês
Karen Ditrlich - Tradução Alemão
Hannelore P. Ribeiro - Tradução Espanhol
Lenéa Bonsaver - Tradução Italiano
Nicola P. Colameo - Tradução Italiano
Sophie Giusti - Tradução Francês
Seweryna Akpabio-klementowska -
Tłumaczenie na język polski

Reportagem

Davidson Lemela
Cláudio Sinoti
Lusiane Bahia
Inis Sinoti
Sérgio Thiesen
Sonia Theodoro da Silva

Design Gráfico

Evanise M Zwirtes

Reuniões de Estudos (Em Português)

Sábados: 05.00pm - 07.00pm
Domingos: 08.00pm - 09.30pm
Segundas: 08.00pm - 09.30pm
Quartas: 08.00pm - 09.30pm

Reunião de Estudo (Em Inglês)

Quartas: 07.00pm - 07.30pm

BISHOP CREIGHTON HOUSE
378, Lillie Road - SW6 7PH - London
Informações: 0207 341 4948
E-mail: spiritistps@gmail.com
www.spiritistps.org
Registered Charity Nº 1137238
Registered Company Nº 07280490

Impacto social da pornografia

O ser humano apresenta variadas dimensões e aspectos, cada qual com a sua finalidade específica. Tendo como objetivo tornar-se uma totalidade, deve se desenvolver e aprimorar como um todo, necessitando desvencilhar-se da própria sombra. No campo da sexualidade não é diferente. Sendo a nobre função que proporciona não somente a vida física, mas vivências emocionais e psicológicas profundas nas trocas entre parceiros, assim como nas dimensões da vida em que atua, infelizmente foi objeto de tabu durante muito tempo, gerando culpas e transtornos que poderiam ser evitados, fosse compreendida em maior profundidade.

Ao colocar um véu sobre a questão, muito por conta das distorções de ordem religiosa, abriu-se campo a comportamentos que nada auxiliam à conquista do equilíbrio. A pornografia é um dos resultados desastrosos da sombra que se manifesta no campo da sexualidade. A exaltação e naturalização de comportamentos esdrúxulos, de corpos produzidos e mantidos muitas vezes sob artifícios de graves consequências, conduz as mentes frágeis a conflitos variados. E no mundo tecnológico, de fácil acesso a crianças e jovens, a preocupação é ainda maior. Fora isso, há notícias de jovens em condições de escravidão nesse mercado que toma proporções cada vez mais preocupantes.

Temos que abrir espaço para educação da sexualidade humana, além dos tabus ancestrais que somente ampliaram a busca de caminhos tortuosos. Afinal, tudo que é negado na natureza humana apresenta-se na sua polaridade destrutiva.

*Iris Sinoti***Terapeuta Junguiana****Tratamento do vício em pornografia**

Problemas morais graves na área da sexualidade são muito comuns. Fazem parte das inclinações más de que nos falam os Espíritos. No entanto, para desvencilharem-se dos vícios humanos em sua caminhada evolutiva, é necessário a consciência do mal e o esforço de



renovação, mudança e transformação.

O apelo sexual imposto pela sociedade influencia as pessoas a procurarem, cada vez mais, conteúdos de conotação sexual e as utilizam como estímulo no relacionamento, para saciar seus próprios desejos e prazeres físicos. São sentimentos primitivos e egoístas.

O sexo é um ato sagrado. Ao ter contato com conteúdos vulgares, vibra-se nessa mesma baixa frequência, pois intimamente o que se precisa alimentar é a satisfação carnal, os prazeres físicos, o ego e a vaidade, e não verdadeiramente o amor.

O vício de observar imagens eróticas induz e mantém o desequilíbrio das vibrações, abrindo um grande campo de troca energética, sendo obsidiado e vampirizado por espíritos de ordem inferior, criando-se assim um círculo vicioso. Acaba gerando uma adição, como qualquer viciação, como no alcoolismo. E vai requerer a ajuda de profissionais de saúde mental, psicólogos ou psiquiatras,

dependendo de cada caso. Pode haver compulsão sexual, transtorno de ansiedade, síndrome de abstinência ou depressão associados.

Pode-se observar que, da mesma maneira que no plano físico, a pornografia, a luxúria, os abusos sexuais, entre tantos outros vícios, conti-

nuam mesmo após a desencarnação, pois o espírito não consegue se desprender das tentações terrenas e acaba vivendo em dimensões espirituais inferiores, subjugados por seres odiosos e vampirizadores.

Com a grande quantidade de acessos a vídeos, imagens, aplicativos, e principalmente o desejo e os pensamentos dessa natureza, cada vez mais se alimentam lugares, regiões dessa mesma faixa vibracional.

Diálogo entre pais e filhos, educação sexual nas escolas, culto do Evangelho no lar, estudo do Espiritismo, meditação e prece, podem ajudar muito a prevenir ou amenizar o problema. Casos mais graves em que há o reconhecimento da dificuldade de superação deve-se buscar oferecer a desobsessão como recurso de libertação, junto dos passes e da água fluidificada.

*Sérgio Thiesen***Médico Cardiologista, Físico**



O papel da família perante os homossexuais

Há vários conceitos de família, como estrutura de sociedade, como instituição formadora da sociedade. A sociologia, a psicologia, a filosofia, todas registram na história humana os passos estruturados da família na formação social dos indivíduos e das civilizações.

O filósofo grego Aristóteles (384a. C. a 324a.C.), definiu "família" como sendo uma comunidade (oikós - casa) que serve de base para a cidade (pólis).

Passemos a um breve conceito de família em sociologia: "Na sociologia, a família é compreendida como a primeira instituição responsável pela socialização dos indivíduos.

"Estudos mostram que, contrariando a ideia de que a formação familiar constitui uma determinação da natureza, a forma como os indivíduos se organizam e dão significado à família é fundamentalmente cultural. Essa organização pode assumir diversas variações históricas e geográficas.

"Para entender o conceito de família é necessário perceber que os povos antigos davam um valor muito menor para a individualidade, os indivíduos organizavam-se em grupos como os clãs e greis."

Em o livro *Obras Póstumas*, coletânea de artigos do codificador do Espiritismo, Allan Kardec, as sociedades se desenvolvem conforme o conceito de Aristocracia, em que *aristos*, palavra grega significando o melhor, e *kratos*, poder, significam o poder predominante na constituição das civilizações. Kardec especifica o poder dos chefes formadores de núcleos constituintes da sociedade, começando com o período tribal, em que a figura patriarcal exerceu sua influência predominante.

Com modificações estruturais ao longo do tempo, essa forma se perpetuou ao longo da Idade Média, com o feudalismo nos diversos reinos e ducados europeus.

A figura masculina exerceu um papel de forte ascendência e primazia sobre os grupos familiares sob seu poder.

Nos antigos Impérios, porém, outra força se sobrepuja, a dos guerreiros formadores de exércitos de conquista, tais como os espartanos, gregos, persas, macedônios e romanos.

"Os grupos sociais se organizavam ao redor de um chefe, que tinha seu poder legitimado pelo próprio grupo.

"Por conta do ambiente hostil, das atividades desenvolvidas (extrativismo) e a necessidade de preservação da espécie (humana), a força física era um fator de legitimação.

"Estudos mostram que algumas sociedades tomaram caminhos diferentes, e a figura de liderança era representada por indivíduos do gênero feminino.

"Isso reforça a ideia de que a formação de uma estrutura patriarcal não possui nenhuma relação biológica de diferenciação entre homens e mulheres. É compreendida como a continuidade da forma como se deu a divisão social do trabalho.

"Na cultura ocidental, uma família é definida especificamente como um grupo de pessoas unidas legalmente (como no casamento e na adoção). A família poderia assim se constituir de uma instituição normalizada por uma série de regulamentos de afiliação e aliança, aceitos pelos membros. Alguns desses regulamentos envolvem: a exogamia, a endogamia, o incesto,

a monogamia, a poligamia, e a poliandria (Minuchin, 1990).

A família vem-se transformando com o passar dos tempos, acompanhando as mudanças religiosas, econômicas e socioculturais do contexto em que se encontram inseridas. Este é um espaço sociocultural que deve ser continuamente renovado e reconstruído; o conceito de próximo encontra-se realizado mais que em outro espaço social qualquer, e deve ser visto como um espaço político de natureza criativa e inspiradora (Minuchin, 1990).

Assim, a família deverá ser encarada como um todo que integra contextos mais vastos como a comunidade em que se insere. De encontro a esta afirmação, JANOSIK e GREEN referem que a família é um "sistema de membros interdependentes que possuem dois atributos: comunidade dentro da família e interação com outros membros (Stanhope, 1999, p. 492).

Allan Kardec dá uma especificidade diferenciada à família e às sociedades; ultrapassadas as fases mais primitivas, as de interesse social e de poder, as sociedades seriam formadas por indivíduos integrados aos conceitos de uma aristocracia detentora de conhecimento, sabedoria, amor ao próximo, despojamento total de preconceitos de casta, etnia, cor da pele, sexo, nacionalidade, características físicas.

Ou seja, as sociedades seriam ou deverão ser formadas por indivíduos que se respeitem entre si.

Sônia Theodoro da Silva

Filósofa